

Um tapete vermelho para a angústia: clínica psicanalítica e contemporaneidade

Marisa Schargel Maia

Se a Viena de Freud teve como subproduto clínico a histeria, quais seriam as implicações entre a cultura contemporânea e as manifestações psicopatológicas que inquietam a todos, e sobretudo aos analistas em seus consultórios?

Esse trabalho nasce do constrangimento de me ver tendo que explicar, numa situação do cotidiano, o que seria a anorexia e o seu reverso, a bulimia, a meninas adolescentes que se aterroizam com a frequência com que amigas têm sido acometidas por esse mal.

Numa outra situação, agora no contexto clínico, uma criança de nove anos me segredou que não entendia porque a irmã mais velha vivia fazendo dieta, que isso era muito chato e que ela havia descoberto uma forma muito mais fácil; era só comer e depois vomitar: “agente tinha o gostoso da comida e não ficava com ela na barriga para engordar e enfear”.

Ainda na clínica, uma mocinha que apresentava uma tristeza difusa, até mesmo branda, tentara suicí-

dio e me dizia que não queria se matar, só queria “deletar”...

Se a Viena de Freud teve como subproduto clínico a histeria, quase extinta nos dias de hoje, e que rendeu a Freud a criação de boa parte da teoria psicanalítica, quais seriam as implicações entre a cultura contemporânea e as manifestações psicopatológicas que inquie-

Marisa Schargel Maia é psicanalista, doutoranda em Saúde Coletiva no IMS/UERJ, membro do (EBEP) Espaço Brasileiro de Estudos Psicanalíticos. Este artigo faz parte de uma trilogia: no primeiro artigo, analisei a dimensão imagética da cultura contemporânea e seus efeitos sobre o processo de estruturação subjetiva; no segundo, feito em co-autoria com Andréa Albuquerque, examinamos a categoria do imediato na cultura e seus efeitos nos processos de subjetivação; neste, avançamos um pouco mais na esfera clínica. Contudo, ainda não nos era possível um desdobramento teórico dos impasses que hoje nos coloca a prática clínica.

tam a todos e sobretudo aos analistas em seus consultórios? Desde meados dos anos 60, pensadores psicanalistas como André Green e J. B. Pontalis¹ se preocupam com a modificação do perfil da demanda clínica – um progressivo deslocamento dos quadros neuróticos para as patologias do narcisismo já era perceptível. Lidar com os subprodutos clínicos desta cultura como se fossem casos isolados e individuais significa recusar os registros social, ético e político implicados na teorização clínica: não é possível ignorar que o contraponto dos cor-

po com relação a valores econômicos e sociais, rompendo com aspectos que, desde a lógica da cultura moderna, eram primordiais na constituição normal da subjetividade. As individualidades contemporâneas, nos situando no campo da reflexão clínica, “funcionam” no registro traumático – seu movimento psíquico obedece ao circuito da dor e do terror. Entendemos que esta forma se deve, em parte, a um processo histórico que, como veremos com Zygmunt Bauman, regeu a modernidade e entrou em colapso naquilo que vem sendo nomeado de pós-

feita por Bauman em “Modernidade e Ambivalência”². Segundo o autor, o projeto moderno se define pela busca da ordem, articula-se na tensão entre ordem e caos. O moderno toma a ordem como tarefa: é preciso ordenar, classificar e purificar. Tornar legível e sem ambigüidades qualquer objeto que se candidate aos métodos de investigação. O que o projeto moderno traz de seu, não é a oposição entre várias possibilidades de definições para um mesmo objeto, mas “a luta da determinação contra a ambigüidade, da precisão semântica contra a ambivalência, da transparência contra a obscuridade, da clareza contra a confusão”³. O moderno tem horror à incerteza, à ambivalência. Contudo, a ordem só se positiva sobre a negatividade do caos, é nessa polaridade que se constrói a modernidade. Tudo aquilo que resiste à clareza da ordem se torna caótico e precisa ser excluído em prol do progresso, outra palavra chave que reinou soberana neste período.

Em busca de uma ordem guiada pela razão, o sujeito moderno negou as diversas razões de tudo aquilo que **não** podia ser esclarecido e assimilado pelo pensamento racional. Pautada em sua racionalidade, a modernidade respondeu sempre com intolerância às diferenças culturais. Tomando-se por centro, qualificou e segregou qualquer tipo de saber que não se coadunasse com seu *modus operandi*. Funcionando neste registro, teve como estratégia se defender contra tudo que lhe trouxesse a sensação de estranheza.

O fundamental deste processo é que a razão instrumental opera por dicotomias: corpo/mente, cultura/natureza, paixão/razão, normal/anormal, afeto/linguagem, amigo/inimigo etc. Sua coluna mestra é a oposição. Mas, uma oposição maliciosa e fictícia porque a ordem, em última instância, precisa qualificar e nomear uma desordem para se fixar como soberana, assim como

O contraponto dos corpos modelados pelos simulacros da tecnocultura é o incremento de patologias como a anorexia e a bulimia, como defesa básica e tentativa de inclusão na cultura.

pos modelados pelos simulacros da tecnocultura é o incremento de patologias, como a anorexia e a bulimia, em defesa básica e tentativa de inclusão na cultura.

Como veremos, anorexia, bulimia, drogadicções e toda sorte de compulsões (desde as lícitas até as ilícitas), assim como o esvaziamento da interioridade, apatia, depressão, devastação do pensamento reflexivo, síndromes as mais diversas se constituem como um *excedente* de uma cultura que passa por momentos de ampla mudan-

modernidade, exigindo assim uma revisão de alguns aspectos do fazer analítico na atualidade.

Os híbridos da contemporaneidade: entre a modernidade e a pós-modernidade

É difícil precisar e definir o que é, quando e como começou ou terminou, se é que terminou, a Modernidade. Para efeito deste trabalho, ficaremos com a articulação

a normalidade necessita da anormalidade para se afirmar enquanto tal. Neste sentido a oposição se descreve melhor como o outro da argumentação: “um lado depende do outro, mas a dependência não é simétrica. O segundo lado depende do primeiro para o seu planejamento e forçado isolamento. O primeiro depende do segundo para sua auto-afirmação”⁴. A aparente simetria entre os opostos não passa de ilusão na medida que sua definição atende a uma lógica ordenadora excludente. Com essas operações e exclusões, o homem moderno pensou ter tornado o mundo legível e indubitável. Parecia-lhe ter domado o demônio da indeterminação e tinha como garantia a certeza das exclusões. A estratégia dos pares de opostos traduzia para o moderno um lugar possível para o Outro. Foi a partir da construção desses pares, que o homem da modernidade pôde equacionar o mundo ao seu redor. Contudo, para cada parelha moderna resta ou sobra algo. Surgem os *estranhos*, ou seja, aqueles que não se adequam às parelhas.

O que é paradoxal no processo ordenador moderno é que a cada tentativa, sempre mais sofisticada de ordenação e classificação, a desordem e a ambivalência surgem mais intensas. A ambivalência constitui-se assim, neste contexto, como o refugio da busca incessante de ordenação na modernidade. Também Bruno Latour, em seu livro *Jamais Fomos Modernos*⁵, aborda a questão de maneira semelhante. Para Latour, um dos eixos motores da modernidade foi o projeto de purificação. Contudo, para este autor, jamais fomos modernos porque em busca da melhor forma, da purificação dos objetos, produzimos os impuros, os *híbridos*. Diante do horror da incerteza, da diversidade, da contingência e da ambigüidade, a modernidade gerou seus *estranhos* ou *híbridos*, ou seja, no seio do processo de regulamentação social moderna se gerou a condição sub-

jetiva pós-moderna. Ao imperativo moral de ordenar, simplificar, catalogar e universalizar, a pós-modernidade respondeu com a fragmentação, a contingência, a superficialidade. Respondeu com o efêmero, com o Imediato como um valor no campo da produção cultural, das relações de trabalho e afetivas.

Contudo, não sejamos ingênuos, a pós-modernidade tal qual a modernidade opera segundo um

A pós-modernidade,
tal qual a modernidade,
opera segundo um
esquema de
purificação, e também
gera seus híbridos
e estranhos.

esquema de purificação, também gera seus *híbridos* e *estranhos*. Mas quais seriam os *estranhos* da atualidade? Quais seriam as impurezas a serem banidas do ideário contemporâneo de subjetividade?

Na modernidade, a sujeira que precisava ser limpa dizia respeito a tudo que estivesse fora da ordem. Na atualidade, ou pós-modernidade, conseqüência lógica ou ilógica da

modernidade, os sujeitos são pressionados a se despirem da estabilidade da ordem e da identidade. Segundo Bauman⁶, a identidade é sujeira pós-moderna que precisa ser banida. Os indivíduos precisam se despir de suas histórias, identificações e ideais para se tornarem mais contingentes e flexíveis e poderem deste modo ingressar no mercado de consumo. Há que se mostrar capaz de “ser seduzido pela infinita possibilidade e constante reprovação promovida pelo mercado consumidor, de se regozijar com a sorte de vestir e despir identidades, de passar a vida na caça interminável de intensas sensações e cada vez mais inebriantes experiências”⁷. Aqueles que não conseguem, tornam-se a sujeira do mundo contemporâneo e são culpabilizados por isto: são incapazes por não conseguirem ser livres e potentes. Não é gratuito que a solidariedade, enquanto valor, encabece as diversas propostas éticas, em diversos campos discursivos. Esta sumiu das prateleiras do consumo e no extremo deste processo temos um Estado que não se desincumbiu de seus compromissos para com seus cidadãos.

Na contemporaneidade, o coletivo não interfere no destino individual, é cada um por si e todos contra todos. Não é desprovido de sentido que, hoje, a droga ilícita mais utilizada pelos adictos seja a cocaína. Esta se adequa bem ao esquema crescente de indiferença, livre competição e descompromisso da era pós-moderna.

Como vimos, ao sujeito racional da modernidade, a pós-modernidade responde com a fragmentação, com as aberrações sociais, com a não-catalogação, com a incerteza contingente dos movimentos subjetivantes. Nesta medida, a ruptura da pós-modernidade com o ideário social da racionalidade moderna torna nossa época extremamente vulnerável ao traumático e em conseqüência deste

processo, o sofrimento psíquico ganha novos formatos, se deslocando, hegemonicamente, do campo das neuroses para o das patologias do narcisismo.

Sobre o que se pede das configurações subjetivas e os modos de subjetivação

É preciso enfatizar que este trabalho não atende a um saudosismo dos tempos modernos, concorda-

Sennett⁹ e Bauman¹⁰, o primeiro analisando as modificações do caráter decorrentes das mudanças nas relações de trabalho, e o segundo refletindo sobre a construção da identidade na cultura pós-moderna detectam mudanças substanciais no que diz respeito ao ideário cultural.

De acordo com Sennett, no processo que leva da modernidade à pós-modernidade, percebe-se uma mudança radical na forma de compreensão do trabalho. O que hoje se chama de “capitalismo flexível”

valor ético que atribuímos aos nossos próprios desejos e às nossas relações com os outros”¹¹. Classicamente, o caráter, decorrente dos processos de subjetivação, é construído a longo prazo através das experiências emocionais no campo da alteridade, através dos vínculos sociais, das identificações, da negociação da satisfação mais imediata em troca de vínculos mais estáveis e profundos.

A questão que se coloca é que a nova lógica capitalista no campo das relações trabalhistas vem impondo aos indivíduos um posicionamento que desloca e pede transformação no já “apreendido” e vivido em termos de constituição primária subjetiva. Vive-se um paradoxo: o processo de constituição da subjetividade pede tempo e a cultura (pelo menos a contemporânea) pede instantaneidade.

No âmbito do capitalismo flexível, não existe a possibilidade de se investir em uma vocação e uma carreira que dure o tempo de uma vida. Existe uma remontagem constante das atividades e das funções a cada inovação tecnológica para atender às reivindicações do consumo. Aos trabalhadores é pedido habilidades e iniciativas sempre renovadas. Os projetos, sempre de equipe, têm curta duração, o que impede que haja um aprofundamento das relações. Na força dos vínculos frágeis se encontra a estratégia fundamental dos empregadores, já que após cada projeto de curta duração as equipes se dissolvem para dar lugar a novos projetos que reúnam e mesquem os grupos. De acordo com Sennett, a consequência destas modificações é que a vivência de tempo é profundamente alterada. No bojo da ideologia do “capitalismo flexível” encontramos a máxima: “não há longo prazo”. Esta enfatiza que qualquer construção deve ser compatível com a instantaneidade.

Para Sennett, o capitalismo de curto prazo corrói o caráter, sobretudo

O custo pessoal para atender a essas novas demandas do capitalismo é alto. O que está em jogo na flexibilização do trabalho é a profunda modificação no caráter dos indivíduos.

mos integralmente com Bauman quando diz que: “se, no cotidiano moderno, obscuros e monótonos dias assombravam os que procuravam a segurança”, “noites ínsoneas são a desgraça dos livres” na pós-modernidade. “Em ambos os casos a felicidade soçobra”⁸.

Não se trata aqui de julgar boas ou más, melhores ou piores as configurações subjetivas pós-modernas frente às modernas, mas de detectar aquilo que está se modificando no campo social e que traz alterações para o campo subjetivo e vice-versa, promovendo novos formatos ao sofrimento humano.

não é uma simples variante do capitalismo clássico. Quando se fala de capitalismo flexível se critica e questiona-se a burocracia, os planos de carreira etc. Pede-se aos seus componentes mais agilidade, abertura a mudanças rápidas, que assumam riscos e que dependam cada vez menos de leis e regularidades.

Segundo o autor, o custo pessoal para atender a essas novas demandas do capitalismo é alto. O que está em jogo na flexibilização do trabalho é a profunda modificação no caráter dos indivíduos. Os antigos aglófonos, e escritos da antiguidade definem o caráter como: “o

do, aquelas “qualidades do caráter que ligam os seres humanos uns aos outros, e dão a cada um deles um senso de identidade sustentável”¹².

No que se refere à construção da identidade Bauman se aproxima de Sennett. De acordo com Bauman, no mundo pós-moderno, a imagem de si mesmo, como fazendo parte de uma construção identitária, perde seu lugar, esta passa a se configurar como uma “coleção de instantâneos”: uma “identidade de palimpsesto” onde a faculdade mais importante da memória se desloca do campo da lembrança para o esquecimento. É preciso esquecer para se manter todo o tempo conectado às novas imagens e novas possibilidades que lhe serão apresentadas e reivindicadas pela lógica do consumo. Com isso exacerbava-se o grau de incerteza cotidiana, na medida que não podemos contar com nada já construído. O drama consiste exatamente na incerteza ou na certeza de que qualquer construção identitária ou projeto de vida precisa, necessariamente, se manter contingente e pode não resultar em nada. A esperança de fixação e progresso e o conseqüente logro implícito nesta proposta moderna desemboca no desalento consciente do sujeito pós-moderno.

Se se pede aos indivíduos que sejam mais erráticos e flexíveis, esqueceram de lhes propor um mundo mais estável. De acordo com Bauman, não existe possibilidade de se arriscar em uma vida de peregrinação onde os santuários e relicários são mudados de um lado para outro, “são profanados, tornados sacrossantos e depois novamente ímpios num período de tempo mais curto do que levaria a jornada para alcançá-los”¹³. Dessa forma, exige-se das individualidades contemporâneas uma vida centrada em projetos de curto tempo e com expectativas de realização cada vez mais próximas, onde qualquer planificação de longo prazo para uma vida se torna paradoxal.

Para dar conta do que lhes é exigido pela cultura contemporânea, os sujeitos devem recusar-se a qualquer tipo de fixação; não devem se deter em uma única vocação; não podem ter como ideal a lealdade e sobretudo devem se manter no tempo presente, abortando deste sua dimensão de passado e futuro. Nesta condição, a noção de tempo se restringe a um fluxo presente e a categoria de Imediato ganha

No mundo pós-moderno, a imagem de si mesmo perde seu lugar como parte de uma construção identitária, passando a se configurar como uma coleção de instantâneos.

todo seu esplendor. O tempo da contemporaneidade é o tempo do instantâneo – logro máximo da cultura imagética.

Ora, podemos observar nestas diversas leituras que existe um imperativo moral, um ideal de sujeito colocado pela cultura atual. De acordo com este ideal, as individualidades precisam despojar-se do tempo histórico e viver no tempo do “aqui e agora” instantâneo.

A ordem social contemporânea causa uma reviravolta naquilo que, desde a teorização freudiana, entendíamos por processo normal de constituição subjetiva. Desde Freud, entendemos que a subjetividade é resultante dos jogos identificatórios vividos pelo eu ao longo de sua existência¹⁴. Neste processo, o Imediato, que não deixa de ser parte fundamental da diversidade psíquica, é regularizado pelo processo de socialização do eu. Afinal, é a partir da falência da tentativa de dar um destino à primeira angústia por uma via alucinatória, imagética e imediata que o pequeno infante se abre para os processos eróticos alteritários. Como nos alerta Freud, é preciso ultrapassar os limites do narcisismo e ligar a libido a objetos, e em busca da vida, num constante processo de intrincação e desintrincação pulsional, o bebê terá que lidar com o adiamento de sua satisfação numa constante “negociação” com aqueles que dele cuidam. “No processo de socialização da psique haverá um progressivo adiamento de satisfação, resultante da ‘negociação’ do sujeito com a cultura e um incremento da complexidade na busca do prazer. Gradativamente haverá a passagem do prazer imediato voltado para o auto-erotismo, lugar narcísico ou do eu ideal, para formas postergadas de prazer – ou formas de prazer mediado”¹⁵.

No que diz respeito ao processo histórico, a questão crucial é que ambas, modernidade e pós-modernidade, se operacionalizaram tendo como ferramenta fundamental complexos mecanismos de purificação. Na modernidade a opressão do ideário social dizia respeito a como construir, descobrir e manter uma mesma identidade ao longo de uma vida, negando ao si sua dimensão de devir, paixão e caos. Neste contexto, os processos de renúncia pesavam sobre as individualidades provocando uma despotencialização da criatividade subjetiva. Na pós-modernidade a dificul-

dade muda de eixo: o movimento de devir, os aspectos de flexibilidade e instantaneidade da constituição subjetiva são valorizados e exacerbados em detrimento da necessidade de sedentarização dos sujeitos. E a questão que se coloca passa a ser como deter a identidade em seu movimento para fixar-se? Na tentativa de solucionar esta equação, os laços afetivos se volatilizam e afrouxam; as relações de trabalho se movimentam no registro do utili-

loca em risco quando se priva o humano de parte de suas possibilidades é o sentimento caro a qualquer um de certeza de continuidade da existência.

A lógica da adicção

No final dos anos 70, Christopher Lasch, em *The culture of narcissism*, discute amplamente o problema do narcisismo e da sociedade de con-

implica em sermos ou estarmos eternamente insatisfeitos, ávidos por consumo. Veicula-se desde a sociedade de consumo um ideal de prazer que em nada serve para saciar a necessidade de prazer do cidadão comum. Tais ideais, outrossim, servem para manter os indivíduos em eterno estado de insatisfação.

Na cultura do consumo, adicto é uma nomenclatura que atende não somente a definição de pessoas que se tornam dependentes em determinada química, se deslocando do lugar do desejo para o da necessidade de sobrevivência. O adicto é uma figura de linguagem que, no âmbito social, diz respeito a este ser guloso, impaciente, irritadiço que precisa ingerir qualquer coisa – sapatos, bebidas, carros, roupas, imagens televisivas, viágras, lexotans – para aplacar seu mal-estar.

Dentro desta perspectiva, as relações também não escapam a esta lógica, não havendo lugar para relações duradouras, extensas no tempo. As relações precisam adequar-se ao tempo-prazer-contínuo. A questão crucial é como manter a continuidade no tempo, numa cultura em que a lógica predominante é a do Imediato. Os laços afetivos demandam tempo, tempo de vinculação, tempo para que se estabeleça a confiança e a possibilidade de relações de reciprocidade. A lógica do instantâneo atende ao prazer imediato, ao gozo a qualquer preço; ao somatório de presentes onde nada se aprende com a experiência vivida, já que do presente é retirado sua dimensão de passado e futuro. A lógica da droga passa pela instantaneidade do prazer, mas o problema que se coloca ao drogado é a impossibilidade do tempo-prazer-contínuo.

No contemporâneo, os laços afetivos precisam gerar prazer imediato e quando por ventura aparecer qualquer ameaça de dor, o outro é descartado rapidamente para preservar a ilusória sensação de felicidade – atributo fundamental e irre-

As relações precisam adequar-se ao tempo-prazer-contínuo. A questão crucial é como manter a continuidade no tempo, numa cultura em que a lógica predominante é a do Imediato.

tarismo e, além de outros efeitos desastrosos, a solidariedade, como uma forma básica de vinculação do eu com um outro, passa a ser um “produto” em extinção.

Ora, de acordo com o que acabamos de explicar, fica claro que qualquer tentativa de podar o humano em sua diversidade e potencialidade pode ter efeitos cuja extensão, no registro social, só se pode mensurar ao longo do processo histórico. Contudo, os reflexos dos processos de purificação modernos e pós-modernos são mais rapidamente sentidos no campo da clínica. Finalmente, sublinhemos que, tanto na modernidade quanto na pós-modernidade, o que se co-

sumo, cunhando assim o conceito de cultura do narcisismo. De acordo com o autor, “a propaganda que se limitava a anunciar um determinado produto, exaltando-lhe as qualidades, na época atual fabrica seu próprio produto, o consumidor perpetuamente insatisfeito, ansioso e entediado”¹⁶. Para o autor, o horror da configuração social atual é que tanto pessoas como coisas são projetadas para serem descartadas logo adiante.

Na pós-modernidade, somos eternamente candidatos a algo: ao corpo perfeito, ao emprego perfeito, ao *Status*, à mulher, ao homem. Tal eleição jamais chegará. O ideal pós-moderno de subjetividade

vogável das individualidades contemporâneas. É necessário enfatizar que na pós-modernidade, atendendo a esta lógica, felicidade se configura como sinônimo de euforia. Nesta imagem social construída para o sujeito, não existe lugar para afetos humanos básicos: a angústia e a tristeza são banidas do ideário pós-moderno e, a qualquer sinal de sua proximidade, o indivíduo deve acessar dispositivos para sedá-las – anti-depressivos e drogas as mais diversas. Diante deste panorama não se faz mais distinção, por exemplo, entre o que seria a devastação depressiva ou afeto de tristeza como

gozo contínuo mas esqueceu-se de que teria que negociar com a dor intervalar. Negociar é tudo aquilo que o drogado não sabe fazer. Rapidamente a euforia, a felicidade, o bem estar encontrados de forma contingente se tornarão um compromisso inadiável. A repetição do uso da droga na evitação da angústia se tornará compulsiva e o adicto perderá o controle da situação. O drogado não aprende nada com a experiência vivida e passada. Na quebra do tempo histórico, ou seja, na dissociação entre presente, passado e futuro, a lógica psíquica operante é a das cisões, das dissociações e por

mente se constituía como puro prazer rapidamente adquiriu feições de terror, o que, obviamente, desloca a questão teórico-clínica do campo do princípio do prazer para “além” deste.

Um tapete vermelho para a angústia

Os afetos em sua diversidade atendem a um complexo movimento psíquico/corporal que visa à delicada manutenção e regularização dos processos existenciais. No âmbito do ideário pós-moderno de felicidade, tal qual a tantos outros modernos e pós-modernos detecta-se um esquema de purificação: aborta-se do humano partes fundamentais de sua experiência afetiva e o custo desta amputação é alto. Vejamos este processo com mais vagar.

Com a introdução, em *Inibição, sintoma e angústia* (1926)¹⁷, do conceito de angústia como afeto primordial da vivência traumática estruturante do psiquismo, Freud se desloca de uma dimensão eminentemente econômica (regulada anteriormente pelo princípio do prazer) e insere uma nuance qualitativa na dinâmica psíquica. A angústia, afeto por excelência, a partir de 1926, balizará na segunda tópica freudiana a dimensão afetiva dos processos psíquicos. Esta, outrora referida aos processos de recalçamento, passará a ser considerada como um sinal primário, básico, constitutivo que anuncia ao psiquismo qualquer ameaça à sua estabilidade. Como vivência afetiva primária, a angústia difere dos afetos de luto e dor por sua característica de descarga motora e pelas sensações físicas específicas referidas a determinados órgãos do corpo: batimentos cardíacos descompassados e respiração ofegante são sinais de que um excesso de intensidade ameaça a estabilidade psíquica. É o desamparo inicial do bebê que determina a angústia, primeiro como fenômeno

A paciente achou ótima a idéia e continuou: sua tendência a engordar diminuiu e sua menstruação desapareceu. Algum tempo depois, não conseguia parar de comer e conseqüentemente de vomitar.

o vivido nas experiências de luto. Aliás, é perceptível a pouca tolerância que o social tem para com os processos de luto.

É necessário, aqui, fazer uma distinção entre a figura contemporânea do adicto e o adicto adoecido: ambos respondem ao imperativo da sedação da dor através da busca do prazer imediato. Contudo, o drogado que se vê doente foi aquele que cometeu um erro de cálculo; pensou ter encontrado um atalho que atenderia à demanda de

conseqüente, as neo-patologias são a versão grotesca desta lógica.

No contexto clínico, uma de minhas analisandas me relatava que a primeira vez que havia induzido o vômito foi, por sugestão de uma amiga, durante uma festa onde tinha comido demais. Achou ótima a idéia e continuou: sua tendência a engordar diminuiu e também sua menstruação desapareceu. Algum tempo depois não conseguia parar de comer e conseqüentemente de vomitar. Aquilo que inicial-

automático e depois como um sinal de perigo frente à ameaça de desamparo psíquico. É através da vivência de apaziguamento da dor, adquirida através de um outro cuidador, que o recém-nascido passará a temer o retorno da angústia.

Para sua estabilidade, o aparato psíquico precisará de um pequeno exército de defesa à espreita.

curso da angústia para se preparar para o choque é fundamental para o estabelecimento do trauma.

No âmbito das patologias traumáticas, teremos o aparecimento da angústia não como processo antecipatório mas como angústia de morte, de aniquilamento. A angústia aparecerá atrelada aos processos de compulsão à repetição e será ne-

zer imediato reina absoluto, as configurações subjetivas contemporâneas já não sofrem devido a conflitos neuróticos regulados pela lógica da castração e do desejo. Sem a possibilidade de viver a diversidade de afetos própria à experiência subjetiva, as individualidades se vêem expostas ao terror e ao medo de aniquilamento. Neste contexto não é a identidade do eu, com todas as suas insígnias sociais que está ameaçada, mas, como em tempos de guerra, é a certeza de continuidade da existência que se coloca em risco.

Aquilo que nos interessa destacar é que na atualidade há uma modificação sutil no posicionamento das individualidades: “arriscar” é bastante diferente de “estar em risco”.

O traumático e o fazer analítico

No percurso da teorização freudiana, o trauma ou o traumático sempre teve destaque nos processos de estruturação subjetiva, sendo compreendido de maneira diversificada de acordo com o período de elaboração da teoria. No entanto, para compreensão dos impasses que hoje as subjetividades nos colocam no campo do fazer analítico, nos interessa sobremaneira sua abordagem no período que se segue a 1920.

A angústia funciona como uma sentinela que dará o sinal para que este possa se preparar para se defender. Neste contexto, estender-se-á um tapete vermelho para angústia e o custo a ser pago pela sua supressão artificial é a exposição do eu às cisões e vivências traumáticas patológicas.

Tais vivências serão, a partir de 1920¹⁸, abordadas por relação a um transbordamento de excitações no aparelho psíquico as quais ocorrerão como conseqüência da ruptura do escudo psíquico de proteção por uma invasão de altas intensidades de estímulos, num psiquismo que contava com pouca energia em repouso que pudesse vir lhe socorrer no momento da invasão. O fato do sujeito não ter podido utilizar o re-

cessário um antídoto cada vez mais poderoso para sedá-la.

Aquilo que nos interessa destacar é que na atualidade há uma modificação sutil no posicionamento das individualidades: “arriscar” é bastante diferente de “estar em risco”. Quando arrisco, arrisco algo ou alguma coisa, quando estou “em risco” só me resta engendrar estratégias de ataque e defesa. O cotidiano passa a existir numa atmosfera de catástrofe iminente e estas, aparentemente, não são coletivas; são silenciosas e atingem os sujeitos no dia-a-dia de suas vidas.

Privado da liberdade de viver a angústia sinal ou, dito de uma forma mais corrente, de viver esta inquietude básica existencial, prisioneiro da lógica adicta onde o pra-

a) O traumático e os processos de repetição

Após um período significativo de esquecimento – em que a lógica clínica dizia respeito, sobretudo, ao âmbito do princípio do prazer centrando-se na dimensão conflitiva do desejo inconsciente – o trauma, a partir de *Além do princípio do prazer* (1920), volta a ocupar o campo de reflexão freudiana; agora tomando por referência as neuroses e sonhos traumáticos. É por relação à noção de que todo sonho é a realização, mesmo que camuflada, de um desejo, que Freud se pergunta qual seria o desejo embutido nos sonhos traumáticos. Freud assevera que “não é a serviço do princípio

do prazer que os sonhos dos pacientes que sofrem de neuroses traumáticas nos conduzem de volta, com tal regularidade, à situação em que o trauma ocorreu”¹⁹. A pergunta fundamental a ser construída é o que se repete nesses sonhos. Se trataria de uma fixação do paciente ao conteúdo traumático? Se o desejo realizado, alucinatoriamente, nos sonhos diz respeito ao princípio do

Freud faz uma distinção entre os afetos de susto (*Schreck*) ou pavor, medo (*Furcht*) e ansiedade ou angústia (*Angst*).

prazer, a que princípio estaria vinculado o conteúdo destes sonhos?

A partir destas questões, Freud recoloca no centro da teorização psicanalítica a noção de trauma e este é abordado por relação a um transbordamento de excitações no aparelho psíquico, cujas fontes poderiam advir tanto do exterior quanto do interior do eu. Como já vimos anteriormente, as neuroses traumáticas ocorrem como consequência da ruptura do escudo psíquico de

proteção, mas é preciso enfatizar que isto ocorre devido ao fato do psiquismo contar, no momento da invasão, com pouca energia em repouso que pudesse vir lhe socorrer no momento do choque. Como a angústia não pode ser ativada, classicamente, devido ao fator surpresa do momento traumático, e contemporaneamente, devido à sua sedação, o psiquismo se percebe inundado e violentado pelo excesso de excitações. Nesta medida, o que se encontra repetido nos sonhos traumáticos são os afetos de terror e angústia e o teor daquilo que se repete, neste contexto, refere-se a uma dimensão basicamente afetiva.

Freud faz uma distinção entre os afetos de susto (*Schreck*) ou pavor, medo (*Furcht*) e ansiedade ou angústia (*Angst*). Essas palavras são comumente utilizadas indiscriminadamente, mas existe uma distinção nítida e importante em sua relação com o perigo: por angústia, Freud entende o afeto que atende à expectativa do perigo mesmo que você não o conheça, como vimos anteriormente, é um afeto preparatório; o medo implica um objeto definido o qual se teme; o susto ou melhor dizendo, o pavor ou ainda, atendendo à sua descrição contemporânea, o pânico, é definido pelo sentimento que se vive quando se entrou num estado de perigo sem que houvesse oportunidade de um período preparatório para ele, aqui se leva em consideração o fator surpresa.²⁰

É através da repetição do terror e, sobretudo, da angústia nos sonhos, os quais estiveram ausentes no momento do impacto traumatizante, que o aparato psíquico tenta, retrospectivamente, se preparar para o choque. É através da repetição que se poderá dominar a situação traumática. Repetir-se-á a situação traumática não somente devido ao fato do sujeito estar fixado ao trauma mas numa tentativa de inscrição e modelação dos afetos e impressões traumáticas. Con-

tudo, a repetição cega dos afetos traumáticos de pouco servirá para sua transformação. É preciso que esta repetição ocorra numa situação onde um outro possa servir de barreira erótica para sua contenção e condutor para sua transformação. O primordial é que se possa viver de maneira diferenciada aquilo que, por algum motivo se constituiu como traumático.

b) Da ação da dor à elaboração traumática

Diante desta perspectiva e por tudo que já vimos anteriormente, o fazer analítico, no que tange ao manejo na clínica contemporânea, precisa fazer surgir no *setting* afetos que por sua dimensão traumática, provocaram cisões no eu e não um recalçamento como defesa básica. Entendemos que o sujeito que tem sua vida psíquica, em parte, devastada por aspectos traumáticos, *age a dor*, sendo incapaz de representá-la. É por referência à dor que podemos refletir sobre a frequência extraordinária de atuações desses pacientes no decorrer do processo analítico. No *agir a dor*, temos um psiquismo inundado por intensidades. O *agir a dor* não é voluntário, nem contém qualquer intenção. Contudo, enfatizemos que o *agir a dor* nem sempre envolve um movimento raivoso, que provoque barulho. No campo da psicossomática encontramos a ação da dor através do adoecimento. “Algo” que é do campo do irrepresentável se apresenta encenado no próprio corpo.

No âmbito do traumático, o mecanismo psíquico prioritário é o da compulsão à repetição, cuja movimentação psíquica se dá ao largo das cadeias associativas e das possibilidades de simbolização. Sua manifestação é sempre um acontecimento; ocorre no campo do sensível, das sensações, atualizando marcas e impressões afetivas que nunca passaram por processos de

inscrição psíquica enquanto traços mnêmicos.

Neste contexto, a transferência ocorre num palco de encenações que incluirá o analista. A tentativa de inscrever num plano representacional tais encenações parece qua-

traumática da subjetividade extrapola o campo de um aparato psíquico representacional – oferece ao analisando a oportunidade de dar forma aos afetos que não puderam alcançar destino psíquico devido ao efeito traumático da experiên-

outro – uma contenção ativada por eros. Os processos introjetivos e de apreensão do outro por vias primárias garantirão ao analisando a possibilidade de uma conexão, muitas vezes traumática, na medida que o encontro do eu com um outro é sempre traumático, contudo não patológico, possibilitando assim novas produções de sentido frente ao meio circundante, no caso, com o analista como ponte entre o analisando e o mundo. ■

É fundamental que o analista contenha com seu próprio corpo, com sua alma e vitalidade, a dor do outro – uma contenção ativada por *eros*.

se sempre inútil. O processo de transformação psíquica ocorrerá implicando analista e analisando num campo transferencial que está longe de remeter a um processo de decifração de conteúdos. A repetição dos afetos dissociados neste campo transferencial trará a possibilidade de tirar da clandestinidade, do estado de dissociação as experiências traumáticas. *Agir a dor* é bem diferente de *expressar a dor* e o trabalho de análise com esses pacientes visa, sobretudo, fazer com que a dor possa se tornar expressão.

No âmbito da experiência analítica, a vivência e atualização da dor, conseqüência do impacto traumatizante, num campo transferencial – não perdendo de vista que este campo deva incluir uma dimensão de corporeidade de ambos, analista e analisando, já que a dimensão

cia vivida. É preciso que, na experiência analítica, esses afetos possam ganhar corpo, ganhar forma; que saiam da dimensão de estupor e possam adquirir, junto com o analista, uma temporalidade enquanto acontecimento.

Não é gratuito que a produção teórica psicanalítica contemporânea esteja fazendo uma revisão do lugar do corpo na teoria e experiência analítica atual. Além deste aparecer como a última certeza que o sujeito pode ter. O corpo pertence simultaneamente ao mundo simbólico, imaginário e real; mas seu pertencimento ao mundo das coisas o torna um *locus* privilegiado nesta cultura, como um porto, talvez ainda seguro, para ancoragem.

É fundamental que o analista contenha com seu próprio corpo, com sua alma e vitalidade, a dor do

NOTAS

1. A. Green, "L'analyste, la symbolisation et l'absence dans le cadre analytique" in *Nouvelle revue de psychanalyse*, Nº 10. Gallimard. 1974.
2. Z. Bauman, *Modernidade e ambivalência*, Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed. 1999.
3. *Op. cit.*, p. 14.
4. *Op. cit.*, p. 23.
5. B. Latour, *Jamais fomos modernos*. Rio de Janeiro. Ed. 34. 1996.
6. Z. Bauman *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro. 1998.
7. *Op. cit.* p. 23.
8. Z. Bauman, *Modernidade e ambivalência*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed. 1999. p. 10.
9. R. Sennett, *A corrosão do caráter*. Rio de Janeiro. Record. 1999.
10. Z. Bauman, *O mal-estar na modernidade*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar ed. 1998.
11. R. Sennett, *A corrosão do caráter*. Rio de Janeiro. Record. 1999. p. 10.
12. *Op. cit.* p. 26.
13. Z. Bauman, *O mal-estar na modernidade*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar ed. 1998. p. 112.
14. Cf. Freud, S. "Introdução ao narcisismo" (1914). *Obras completas*. Rio de Janeiro. Imago Ed. 1976.
15. M. Maia & A. Albuquerque, "Get there now! Cultura contemporânea, imediatismo e desamparo". *Pulsional: revista de psicanálise*. Ano XIII, nº 132, abril. 2000. p. 86.
16. C. Lasch, *The culture of narcissism*. N.Y., Warner Books Edition, 1979. p. 137.
17. S. Freud, "Inibição, sintoma e angústia" (1926). *Obras completas*. Rio de Janeiro. Imago Ed. 1976.
18. S. Freud "Além do princípio do prazer" (1920). *Obras completas*. Rio de Janeiro. Imago Ed. 1976.
19. *Op. cit.*, p. 48.
20. *Op. cit.*, p. 23.